



**GÊNERO E MOVIMENTO SOCIAL DO CAMPO:  
NARRATIVAS DE MULHERES DIRIGENTES E LIDERANÇAS DO MOVIMENTO  
SINDICAL DOS TRABALHADORES E TRABALHADORAS RURAIS (MSTTR) NO  
SUDESTE DO PARÁ.**

Autores: Kezia Vieira de Sousa Farias; Idelma Santiago da Silva.

**Palavras Chave:** Gênero. Participação. Mulheres Camponesas.

## **1. INTRODUÇÃO**

Neste trabalho pretendemos contribuir para os estudos sobre gênero e movimento sindical do campo, fazendo uma análise da participação feminina a partir da perspectiva das mulheres que se constituíram dirigentes e lideranças nos Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (STTRs) no sudeste paraense.

A história das mulheres líderes camponesas que participam da luta política pela/na terra no sudeste do Pará constitui uma trajetória marcada por atos de discriminação naturalizados e que apontam para problemas e tensões presentes no cotidiano.

Esse trabalho tem como objetivo abordar a participação das mulheres do campo no movimento sindical no sudeste do Pará. Percebe-se que o número de mulheres na direção das organizações sindicais de trabalhadores rurais tem aumentado significativamente, mas elas têm ocupado principalmente funções socialmente reconhecidas como femininas.

## **2. METODOLOGIA**

Utilizou-se na pesquisa a metodologia de história oral, que se trata de um procedimento metodológico pertinente, especialmente, quando nos dirigimos a sujeitos em contextos sociais sem registros escritos suficientemente amplos que possam ser fontes de dados. Foram realizadas entrevistas temáticas, gravadas e posteriormente transcritas. Abertura, talvez, de possibilidade da composição de repertórios de pontos de vista e dos saberes das mulheres, bem como a mobilização da memória social polemizando-a com os processos de exclusão impostos pelas memórias públicas.

### **3. RESULTADOS**

A transposição das representações e dos papéis de gênero do espaço doméstico-familiar para o espaço da organização social reproduz(ia) nos discursos e práticas as relações de poder sexistas, obstáculos à socialização da mulher como sujeito político.

A naturalização de estereótipos e consequentemente dos preconceitos de gênero, sobretudo nos discursos dos homens sindicalistas, é responsável pela resistência à sindicalização feminina e à participação em funções executivas (CARNEIRO; TEIXEIRA, 1995), ou ainda, uma tentativa de circunscrever sua presença aos espaços de micro participação mais ligados às atividades em grupos primários. Trata-se de uma violência simbólica simultaneamente produzida e produzindo uma ordem de dominação masculina.

Por muito tempo as mulheres foram impossibilitadas de assumir cargos nas direções do STTRs: “Naquele tempo a mulher era dependente. O marido se associava ao sindicato e a mulher já encostava” (JOELMA, 2011). Para os homens, a ação nos espaços públicos é tida como natural e obrigatória, enquanto que para as mulheres, essa ação é tradicionalmente concebida como sendo imprópria e indesejável.

Por isso, nas tessituras dessas narrativas, são tensionadas temáticas como classe social e gênero, expondo(-se) as mulheres como ‘objetos’ históricos de uma pedagogia sexista, bem como ‘sujeitos’ de um processo de significação (BHABHA, 2011). Isso implica em enunciações produzidas de um lugar ainda desigual da “autoridade” cultural e do protagonismo político no interior da própria cultura parcial do campesinato.

As experiências das mulheres líderes e dirigentes camponesas, no sudeste do Pará, transcorrem num espaço, em certa medida, conservador em termos das relações de gênero. Tendo em vista essa relação, as diferenças estabelecidas, a partir da categoria de gênero, são utilizadas para marcar as desigualdades nos cargos dentro dos STTRs. É recorrente essa relação quando os cargos de direção são ocupados, quase que exclusivamente por homens. O desembaraço desse contexto evidencia-se nos discursos de mulheres rompendo com modelos patriarcais presentes nos sindicatos e ganhando visibilidade na luta para serem reconhecidas como agentes no espaço público.

### **4. CONCLUSÃO**

As experiências das mulheres líderes camponesas no sudeste do Pará perpassa em num espaço ainda muito conservador em termos das relações de gênero, percebe-se que essas mulheres estão rompendo com modelos patriarcais presentes nos sindicatos e ganhando visibilidade na luta para serem reconhecidas como agentes no espaço público.

## REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi K. *O bazar global e o clube dos cavalheiros ingleses: textos seletos de Homi Bhabha*. Organização de Eduardo F. Coutinho. Tradução de Teresa Dias Carneiro. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

CARNEIRO, Maria José; TEIXEIRA, Vanessa Lopes. *Mulher rural nos discursos dos mediadores*. Estudos Sociedade e Agricultura, 5, novembro 1995: 45-57.

JOELMA, Maria Joel Dias Costa. *Entrevista Oral* [gravada] realizada por Airton Pereira dos Reis. Centro de Cabanagem, Marabá, 31 out. 2011. 1h47min.